

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

**CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ O MOMENTO NA CONSTRUÇÃO DE UMA  
PSICOLOGIA EXISTENCIALISTA SARTREANA DE GRUPOS**

Sylvia Mara Pires de Freitas, (Departamento de Psicologia, Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Lucia Cecilia da Silva, (Departamento de Psicologia, Docente-orientadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: sylviamara@gmail.com

**RESUMO**

O presente trabalho apresenta o caminho percorrido até o momento, da pesquisa de doutoramento do Programa de Pós-graduação em Psicologia – DPI/UEM, iniciada no ano de 2015, intitulada provisoriamente de Caminhos para a construção de uma Psicologia Existencialista Sartreana de Grupos. Partimos da tese de que a Psicanálise Existencial e a Antropologia estrutural e histórica proposta por Jean Paul Sartre e seu método progressivo-regressivo, ao se tornarem instrumentos do fazer de psicólogos(as) existenciais, podem elucidar às pessoas que formam coletivos e grupos, sobre as amarras que alienam suas ações, e como se edificam nessa condição, e assim contribuir com uma Psicologia que se faz com projetos libertários. Diante desta assertiva, o objetivo geral é analisar a viabilidade da proposição do método progressivo-regressivo para psicólogos(as) implicados com o campo social poderem compreender a biografia de grupos e, se possível, mediá-los. Utilizando o próprio método progressivo-regressivo no decorrer da pesquisa, são apresentados dois pontos até agora trabalhados. O primeiro refere-se ao trajeto percorrido entre a infância de Sartre até antes do início de seu diálogo com o marxismo. O segundo versa sobre a relação de Sartre com o marxismo e o pensamento marxiano. Consideramos que Sartre produziu uma filosofia da ação, circunscrevendo um compromisso ético e moral nas relações sociais; rejeitou que o homem fosse colocado em subjuogo a determinantes sócio-históricos, pois mesmo com sua liberdade situada na história, esse não deixa de fazer escolhas; e compreendeu que os grupos não podem ser entendidos como uma existência metafísica, pois constituem-se pela multiplicidade de relações reais entre pessoas, relações essas mediadas pelos objetos coletivos, inertes, e que devem ser procurados nas próprias atividades concretas dos indivíduos, e não sobrepostos a estes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Existencialismo sartreano. Método progressivo-regressivo. Psicologia existencialista de grupos.

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho apresenta os caminhos percorridos até o momento, da pesquisa de doutoramento do Programa de Pós-graduação em Psicologia, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, cujo objetivo central é analisar se o método progressivo-regressivo, conforme entendido por J-P Sartre, é viável para psicólogos(as) implicados com o campo social, compreenderem a biografia de grupos e, se possível, mediá-los.

À Psicologia cabe compreender como o indivíduo constitui-se como sujeito social; como contribui para edificar, manter ou superar condições promotoras de sofrimento, de subjugo, de exclusões. As contribuições que o pensamento de Sartre podem oferecer são interessantes a esse propósito, uma vez que considera ser inerente e inarredável o engajamento do homem com suas ações na construção da sua história e a da humanidade. Considerando que as pessoas constroem a história e, por sua vez, são construídas por ela, não têm como ficar imunes aos resultados de suas práxis. Assim, para Sartre, a elucidação do projeto singular/universal pode ajudar as pessoas a decidirem de maneira responsável se o mantêm ou o altera, haja vista que a verdadeira humanidade é o poder das pessoas fazerem história ao perseguirem seus próprios fins, (Sartre, 1960/2002). Sendo uma filosofia da ação, circunscreve um compromisso ético e moral nas relações sociais. A livre práxis demanda responsabilidade, pois cada ação singular implica a humanidade. Sartre (1946/1978) explicita:

Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos (p. 5).

Esta afirmativa nos mostra a universalidade com que nossas escolhas estão implicadas e o quanto de singularidade a universalidade se implica. Portanto, quer conscientes ou não, os resultados de nossas escolhas se situarão no campo social.

O método que Sartre foi construindo durante sua empreitada para entender o sujeito em situação, e depois inserido na história, é um método dialético e heurístico, pois acompanha o movimento do indivíduo tal qual é circunscrito no mundo, nos permitindo compreender o que ele faz do que lhe é imposto sociomaterialmente, isto é, “a totalização histórica da singularidade na intersecção com a totalidade histórica geral, ambos imbricados [...]” (Maheirie & Pretto, 2007, p. 455). Deste modo, o movimento compreensivo percorre “as sínteses totalizadoras, tanto das singularidades como do coletivo” (p. 460), sem transformá-las em saberes totalizantes e sem ferir a humanidade com que a realidade é construída.

Legitimado como método na Psicologia clínica para auxiliar as pessoas na apropriação crítica de seus projetos de ser, e denominado como método progressivo-regressivo e analítico-sintético (ou biográfico), ele ainda não encontrou um lugar de reconhecimento entre os(as) psicólogos(as) existenciais que se debruçam no campo social, principalmente no que se refere a grupos. Um dos motivos pode ser a negligência acadêmica para com a face social e histórica do pensamento sartreano, cujas reflexões são fundamentalmente apresentadas na sua obra *A Crítica da Razão Dialética*, originalmente publicada em 1960. Quiçá, certo preconceito ainda vivente pela deformação do entendimento de seus conceitos de liberdade e indivíduo pode desconhecer ou negar a compreensão de Sartre de que,

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

não há situação senão para uma liberdade totalizante, que dela se arranca, mas não há totalização a não ser de uma situação multidimensional, fibrosa (retomando um termo de Sartre), com suas inércias, seus pesadumes, sua sedimentação de escolhas passadas, que curva, cola e desvia a liberdade, tanto quanto a suscita. (Simont, 2005, p.21)

Para Sartre (1943/1997, 1960/2002) a liberdade não é arbitrária, pois as ações dão-se em situações concretas. O indivíduo constitui-se e constitui o campo social e material, cujas sínteses totalizadoras de suas ações constroem, conservam e transformam a história. Contudo, o existencialismo toma o indivíduo como ponto de partida para se compreender as relações sociais, pois como coloca Tertulian (2012), a práxis singular é fenômeno originário da vida social para Sartre.

Conforme Sartre (1960/2002), a sociabilidade apresenta-se fundamentalmente através de uma estrutura inerte que ele denomina de série ou serialidade. Esta configura-se na unificação das ações dos indivíduos por algo exterior a eles, deste modo, as práxis livres são alienadas a algo instituído, que lhe muda o sentido para que realizem um projeto alheio. Diferente acontece quando há fusão de práxis pela comunhão recíproca entre as necessidades individuais de combater, justamente, a impotência provocada pelo estilo de vida serial, e sendo-em-comum constroem um outro futuro. Desta maneira, cada integrante do grupo ao totalizar a reciprocidade dos demais, faz de sua união uma relação ternária com os indivíduos e com a coletividade serial.

Utilizar o método progressivo-regressivo para investigar a vida de um grupo, entendendo sua estrutura na relação com seu contexto histórico, demanda, segundo entendemos, o mesmo movimento, explicitado por Sartre (1960/2002) para investigar e compreender uma biografia individual, descrito por ele como um *vaivém*. Parte-se da relação entre as práxis singulares para compreender as sínteses totalizadoras de suas ações no campo dos possíveis, fundamentando “no real o movimento de totalização” (p. 82), desvelando o que unifica essas sínteses.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Dessa forma, vislumbramos a possibilidade do existencialismo sartreano e seu método adentrarem os campos sociais estudados pela Psicologia, indo além da contribuição que esse referencial forneceu à Psicologia clínica. Como Sartre (1960/2002) assinala: “o método é uma arma social e política” (p. 20); assim, ao escolhermos a maneira como abordaremos as situações-problemas, denunciaremos nosso posicionamento político diante a sociedade. Os indivíduos estão no mundo e em situações e “as relações humanas (são) mediação entre os diferentes setores da materialidade” (p. 209), deduzindo-se, por consequência, que, esta compreensão metodológica da realidade também exige do(a) profissional o questionamento constante sobre seus fins para com seu foco de investigação, através do(s) caminho(s) que elege.

O como uma pessoa edifica sua singularidade na relação com o campo sociomaterial influencia a dinâmica dos grupos dos quais participa, e é justamente por saber que a maneira de ser singular de cada um pode se colocar como resistência a projetos coletivos limitadores à sua liberdade.

Lançar mão de um raciocínio que entende o indivíduo diluído no grupo, nega que o processo grupal parte das experiências singulares. À vista disso, a escolha do(a) psicólogo(a) por métodos para trabalhar com grupos, nos informará com que tipo de projeto compactua, se é um método que conserva e fortalece a situação ou se pode ajudar a alterá-la, assessorando os indivíduos a se apropriarem de sua condição para realizarem escolhas de maneira crítica.

Apostando que o método progressivo-regressivo, por seu atributo heurístico permitir que o(a) pesquisador(a) desvele dialeticamente como a realidade, que pelo mesmo movimento dialético é construída pelos que as constroem na relação com as estruturas sociais que experienciam, sem que o(a) pesquisador(a) realize pré julgamentos, é que suspeitamos que a Psicanálise Existencial e a Antropologia estrutural e histórica proposta por Sartre e seu método, ao se tornarem instrumentos do fazer de psicólogos(as) existenciais, podem elucidar às pessoas que

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

formam coletivos e grupos, sobre as amarras que alienam suas ações, e como se edificam nessa condição, e assim contribuir com uma Psicologia que se faz com projetos libertários.

Sabemos que a Psicologia é privilegiada com várias reflexões teórico-metodológicas sobre processos grupais. Há disponível um farto material que auxilia o(a) psicólogo(a) que intenciona trabalhar esse tema; desde as teorias clássicas às pós modernas. Contudo, isso não acontece no tocante aos estudos que relacionam o existencialismo e grupos. Como aponta Dalla Vecchia (2007) há pouca generosidade do mercado editorial brasileiro “[...] à disponibilidade de publicações que permitam introduzir a questão de grupos como preocupação da Psicologia Social no enfoque histórico-cultural” (p. 109). São ínfimas também as produções realizadas por psicólogos(as) que contemplam a leitura sartreana sobre grupos, principalmente as que utilizam o método progressivo-regressivo como base para a compreensão das questões grupais.

Cabe elucidar que nosso entendimento sobre a possibilidade da utilização do método progressivo-regressivo para a compreensão das dinâmicas grupais e suas construções, não se restringe a realidade de um campo específico da Psicologia. Ao mencionar ‘Psicologias sociais’ referimo-nos ao debruçar da Psicologia em qualquer contexto social. Formação de grupos há em todos os contextos, logo a emergência de conflitos é contumaz, o que altera são as pessoas e a estrutura dos grupos conforme a especificidade das situações e da época histórica. Desta forma, os resultados da pesquisa poderão também auxiliar, teórica e metodologicamente, profissionais que se colocam como mediadores(as) em qualquer grupo que estiverem inseridos, respeitando-se as situações contemporâneas que essas relações ternárias se configuram.

## **OBJETIVOS E METODOLOGIA**

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

O caminho construído por qualquer pessoa em sua vida, nos mostra a maneira como foi estabelecendo diálogo com o mundo e ajudando a construí-lo. Mas durante o percurso, o diálogo pode tomar contornos diferentes ou mesmo crescer, aos já existentes, novas perspectivas. Tudo dependerá de onde se quer chegar nesta relação de acordo com o lugar que se parte.

Muitas vezes, nem percebemos que temos uma maneira singular de nos fazermos sujeito de nossa história. Menos ainda, temos consciência que método não é uma noção exclusiva de pesquisadores, em especial os da área social e humanas. Esses se apropriam dos meios e procedimentos construídos no cotidiano, edificados por qualquer pessoa. O controverso é que aos pesquisadores, pelo lugar histórico que ocupam, é legitimado o poder de absolutizarem os métodos e torna-los um caminho substancializador do saber.

O caminho escolhido para o desenvolvimento da pesquisa em tela não foi o de construir um pretérito-saber, mas contraditoriamente também foi escolhido um método, que por ele pudesse construir a pesquisa. Mas diante do exposto, qual seria a diferença que justifique a crítica feita há pouco? A diferença reside no projeto que temos com o método. Há diversos caminhos para se chegar a um fim, e esse é idealizado porque desejamos preencher uma falta presente. Sentimos a falta e concomitantemente projetamos o objeto que lhe falta, ainda que tenhamos que definir qual caminho poderá nos auxiliar a produzir o que precisamos; mesmo contando que o caminho não nos dará a garantia da conquista.

Daí vem duas questões: queremos com o método produzir saberes que serão condicionantes de caminhos a serem percorridos por outras pessoas? Ou queremos um método que simplesmente desvele um saber que é produzido por elas, mas não conscientes desse saber que constituem, caminham inadvertidamente? Nossa proposta fornece uma resposta negativa à primeira questão e afirma a segunda.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

E para ser coerente com este propósito, só poderíamos lançar mão de um método que nos auxiliasse a desvendar o conhecimento, perseguindo a trilha de quem o produz/produziu. Não seria oportuno conhecer somente as produções concretas de uma pessoa, tão pouco somente suas ideias, desconectadas uma das outras. Suas produções, por si, revelam suas ideias que, por sua vez, também foram construídas na relação com outras produções e tudo acontecendo em um contexto histórico.

Por essa compreensão, iniciamos percorrendo junto com Sartre o caminho que ele percorreu para construir seu existencialismo (ou sua filosofia da existência como prefere chamar), não esquecendo que a pesquisa também implica a compreensão do(a) pesquisador(a) pelo(a) mesmo(a), uma vez que a realidade da primeira está comprometida com a maneira como o segundo a desvela. Ademais, não há neutralidade em nossas escolhas. O foco de pesquisa sempre está relacionado com nosso projeto; além dos resultados dessa poderem ajudar a outras pessoas quando socializados, entendemos que primeiramente queremos respostas que amenizem nossas angústias.

Por esta razão, que em uma práxis investigativa, além de colocar como foco a nossa consciência como pesquisadoras que buscam como Sartre construiu seu conhecimento sobre a realidade social, temos de fazer o movimento reflexivo, buscando ter consciência da maneira como o compreendemos, logo, dos fins que realmente perseguimos. Sobre esta atitude Maheirie e Pretto (2007) destacam que:

a análise deverá ser dialética, caracterizada por sínteses constituídas a partir de contradições, alternando momentos de cumplicidade e de criticidade, compondo um momento da práxis, transformando tanto o objeto da pesquisa como o pesquisador, situando-os em sua condição objetiva e subjetiva de devir. (p. 455)

Isto posto, resta-nos expor que o **objetivo geral** da pesquisa é de *analisar a viabilidade da proposição do método progressivo-regressivo e analítico-sintético para, psicólogos(as)*



*implicados com o campo social, poderem compreender a biografia de grupos e, se possível, mediá-los.* Para isso, entendemos que é necessário compreender o caminho percorrido por Sartre na construção de sua Psicanálise Existencial e, igualmente, compreender seu diálogo com o marxismo, entre outros pontos que não são focos do presente trabalho.

## **OS CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ O MOMENTO**

O conteúdo relativo *a construção da Psicanálise Existencial* compreende o trajeto percorrido entre a infância de Sartre até antes do início de seu diálogo com o marxismo, passando por três rotas. A primeira abarca sua infância e seu encontro com o idealismo, quando começa a conhecer o mundo pela biblioteca de seu avô e apreender o projeto de Ser instituído por sua família para ele; a segunda refere-se a seu encontro com a fenomenologia, quando começa a resgatar o indivíduo diluído num modelo absolutista; e a terceira seu engajamento com a busca pela compreensão de como o indivíduo torna-se sujeito e sua tentativa de encontrar uma moral de ação, já que funda o homem no nada.

Nesse percurso, Sartre construiu sua Psicanálise Existencial, esboçada na sua obra clássica *O Ser e o Nada* (1943/1997); mas uma psicanálise que ainda não tinha encontrado seu Freud, como o próprio Sartre disse. Acreditava que a pessoa busca se totalizar no curso de sua vida, só que é fadado ao fracasso, pois nunca consegue a plenitude eterna desta totalização; mas este Ser pleno que persegue pode ser encontrado em seus atos e comportamentos, por mais cotidiano e simples que sejam, ao conseguir desvendar o que impulsiona a pessoa a agir de determinada

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

maneira, que seriam os *móveis*, bem como compreendendo como a pessoa justifica seus atos e comportamentos, ou seja, os *motivos* que ela dá como se estes fundamentassem suas ações.

Como é um projeto de ontologia fenomenológica, e para tal repousa na demonstração de como é a realidade humana, Sartre importa-se com os valores fundamentados pela liberdade. Se o homem escolhe uma coisa e não outra, ao escolher ele mostra o valor escolhido, diferente de pensar que o valor viria ao homem ‘naturalmente’ pela materialidade. Por isso que Sartre tanto se debateu para escrever uma moral de ação, da existência, moral essa que para ele permitiria criar uma existência melhor, pois acreditava que o valor coercitivo de algo era proporcional ao que lhe era concedido. Quiçá, queria escrever uma obra filosófica onde sistematizasse a moral que deixara marcado em suas outras obras. Acreditamos que os acontecimentos históricos, como, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial, foram contradizendo o pensamento de Sartre, sendo mais fortes do que suas condições lhe permitiam resistir e lutar, mas com certeza, Sartre fez o que estava ao seu alcance.

Destarte, na condição de guerra, cuja morte é a possibilidade mais presente, Sartre compreendera que as escolhas tornam-se mais autênticas, pois qualquer escolha era melhor do que a morte. Também coloca que o segredo de uma pessoa não é qualquer outra coisa senão o quanto é capaz de resistir à dor e à morte, é aí que conhece o limite de sua liberdade.

Todavia, a perspectiva política ainda encontrava-se incipiente nesta fase, observando-a mais consciente para Sartre no momento seguinte, quando começa a dialogar com o marxismo. Aqui, encontra-se delimitada a relação ambígua de Sartre com o Partido Comunista Francês (PCF) e o do leste europeu, seu apoio e críticas a ele e dele recebidas; o núcleo do pensamento marxiano que chamou sua atenção e que proporcionou sua afinidade a esse, e que o levou a propor a aproximação do existencialismo ao marxismo. Finalizamos este ponto de análise expondo o imperativo concreto para Sartre, que é as relações humanas, e seu empenho em chamar a atenção para a necessidade de

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

se compreender as particularidades de seus movimentos, ao invés de reduzi-las como forças produtoras no âmbito das relações de produção.

Como Sartre era um escritor voraz, lia e escrevia muitas coisas ao mesmo tempo; interrompia a escrita de uma obra para iniciar outra, torna-se difícil demarcar precisamente quando inicia seu diálogo com o marxismo. Contudo, foi em 1946, no pós guerra, que Sartre comentou com Gerassi (1989) sobre seu projeto de unir o marxismo e o existencialismo. Paisana (1993) cita um trecho de Sartre, retirado da *Crítica da Razão Dialética* (1960/2002), que ilustra o sentido da Segunda Guerra Mundial para Sartre no tocante a ampliar sua consciência para a dimensão sócio-histórica e a ação dialética. “Foi a guerra que fez arrebentar os quadros envelhecidos do nosso pensamento. A guerra, a ocupação, a resistência, os anos que se seguiram. Queríamos lutar ao lado da classe operária, compreendíamos por fim que o concreto é história e ação dialética [sic]” (p. 84). Foi preciso a guerra para colocar a liberdade ‘nos devidos limites’.

O marxismo oferecia uma lufada de esperança para a ruptura com o capitalismo e a burguesia, e sua preocupação com os menos favorecidos (Garcia, 2009); e o existencialismo, com sua moral de ação, “[...] torna cada indivíduo um sujeito concreto da História, desenhando o futuro do mundo em cada uma de suas escolhas, sob a exigência feroz da responsabilidade pessoal na recriação da humanidade”. (Nazário, 2011, s.p.)

O núcleo da filosofia de Marx que chamou a atenção de Sartre fora a realidade que Marx observara antes de seu encontro com Engels, construída por um movimento dialético em que o homem transformava a natureza pela sua práxis e por seu trabalho, humanizando-a; mas essas ações, contraditoriamente, eram alienadas à uma moral de exploração do trabalhador pela burguesia.

Tudo aquilo que fragmentava o ser humano, que o apartava do mundo, de si mesmo, das coisas que ele criara; tudo aquilo que o separava da consciência que deveria ter, que o

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

transformava quase em um autômato ou em um “animal desnaturalizado”; tudo aquilo que o mergulhava em uma espécie de sono do qual não parecia ser possível despertar, remetia em Marx ao âmbito da alienação. (Barros, 2011, p. 236)

Sartre ratifica que a perspectiva do jovem Marx era a de analisar os acontecimentos particulares, suas carências e significações, entendendo como reveladores de um conjunto sintético. E será nessa totalidade sintética, que une cada acontecimento particular, que encontrarão sua verdade. Não observou nas pesquisas realizadas por Marx, ‘entidades’ que definem as relações sociais de fora, como fizeram muitos marxistas do século XX, essas relações definem-se por si mesmas.

Sartre incomodou-se com esses marxistas por tratarem o pensamento de Marx como uma entidade. Buscam encontrar no passado os dados presentes, transformando-o em saber pleno. Diz Sartre (1960/2002) que “querem encontrar lugar para suas entidades” (p. 34). Foi a pretensão de apropriar da síntese, *à priori*, para encaixá-la na pluralidade, que Sartre chamou de “escolástica da totalidade” (um esquecimento de que o materialismo histórico é análise presente do presente) (Chauí, 1997, p. 140). O existencialismo buscou resgatar a realidade dos homens que se perdeu no saber absoluto de alguns marxistas. Para Sartre, seu existencialismo e o marxismo de Marx apresentam o mesmo objetivo - procurar o homem onde ele está, no seu cotidiano concreto, buscar as sínteses concretas na experiência, no interior de uma totalização em movimento que produz, dialeticamente, a história. E para conquistar tal intento, Sartre considerou que a ação humana necessitava de uma abordagem existencial.

No tocante a mediação dos grupos na vida de uma pessoa, Sartre (1960/2002) também critica os marxistas que tenderam reduzir essa mediação ao âmbito das forças produtoras com as relações de produção. Lembra Sartre que não são somente pelos grupos de produção que uma pessoa se reconhece e nele vivencia as contradições. A família tem função primordial na mediação

da criança com a sociedade, é nesse grupo que ela interioriza o modelo de adulto que os adultos lhe impõem, se o assimila totalmente ou se mostrará o quanto esse a asfixia. Ressalta que o grupo do bairro, o de amigos e outros também exercem o poder de mediação da pessoa com a sociedade, que muitas vezes podem estar em conflito com seu grupo de produção. Esses grupos também imporão a inércia a alguns de seus membros. Enfim, os indivíduos tanto vivem em seus grupos, como sozinhos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O caminho percorrido até aqui mostra as superações que Sartre realiza em curso, mas sem rupturas com os momentos anteriores. Encontramos Sartre em situação, suas experiências, amigos, amantes, reflexões, obras e sua época. Identificamos também seu projeto de fazer de suas produções sua arma de resistência. Na infância, como menino prodígio, resistiu ao desamor, ao abandono, a solidão, fazendo-se amado e admirado pela família. Sartre apreendeu que no mundo há regras, e começou a criar as suas. Na juventude e quando adulto, voltou-se à compreensão da singularidade, da subjetividade; enalteceu a liberdade como arma de resistência às perversidades de movimentos que querem se fazer totalitários, uma arma contra as convenções. Mostrou o ‘homem nu’, que não é só bom, nem só mau, que está só no meio dos outros homens, o que, de uma certa forma, era assim que se sentia.

No seu caminhar, Sartre partiu da Fenomenologia e criou sua filosofia da existência. Dialogando também com a psicanálise, buscou compreender a edificação do sujeito na relação com a situação em que esse se encontra. Produziu assim, sua Psicanálise Existencial; mas,

posteriormente, dialogando com o marxismo, o caminho da construção de sua antropologia estrutural e histórica nos mostrará que este método fora insuficiente.

Mesmo aproximando-se do marxismo-leninista-stalinista e do pensamento de Marx, e incorporando algumas noções deste, Sartre não deixa de acreditar que, para qualquer compreensão da realidade sociomaterial e histórica, deve-se partir do homem, da subjetividade, de sua experiência, e não o colocar em subjugo a determinantes sócio-históricos, pois mesmo com sua liberdade situada na história, o homem não deixa de fazer escolhas. Contudo, é necessário considerar a dialética de uma totalização a se fazer, em cada situação, com suas implicações sociais, culturais, ao invés de focar somente nas totalizações já feitas; procurar compreender como as pessoas se projetam na busca de superar suas necessidades que o mundo objetivo lhes apresenta em forma de escassez; qual síntese é realizada em curso, na relação entre o condicionamento do indivíduo pelo meio e como aquele também condiciona este.

A existência dos grupos não pode ser entendida como uma existência metafísica, ela se constitui pela multiplicidade de relações reais entre pessoas, e destas relações com outras relações. Um grupo estabelece as especificidades de suas relações de reciprocidade na relação entre si, mediadas pelos objetos coletivos. Desta maneira, estes objetos, que são inertes, ‘parasitários’, como Sartre os denomina, devem ser procurados nas próprias atividades concretas dos indivíduos, e não sobrepostos a estes.

### Referências

Barros, J. D’A. (2011, junho). O conceito de alienação no jovem Marx. *Tempo Social, Revista de Sociologia da UPS*, 23, 223-245. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a11>

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

- Chauí, M. (1997). Filosofia e engajamento: em torno das cartas da ruptura entre Merleau-Ponty e Sartre. *Revista Dissenso*, 1, 133-153. Recuperado de [www.revistas.usp.br/dissenso/issue/download/7921/376](http://www.revistas.usp.br/dissenso/issue/download/7921/376)
- Dalla Vecchia, M. (2007). Resenha: Uma importante contribuição para o processo grupal na abordagem da Teoria Histórico-Cultural. *Psicologia & Sociedade*, 19 (Edição Especial 2), 109-111. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe2/a2619ns2.pdf>
- Garcia, F. A. F. (2009). *Sartre e seus heróis bastardos: a produção de sentido na literatura como engajamento no tempo presente*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Gerassi, J. (1989). *Jean-Paul Sartre: consciência odiada de seu século*, v.1: protestante ou protestador? (S. Flaksman, Trad.), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Maheirie, K. & Pretto, Z. (2007, julho-dezembro). O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. *Revista do Departamento de Psicologia*, 19(2), 455-462. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v19n2/14.pdf>
- Nazário, L. (2011, junho). *A literatura de resistência de Jean-Paul Sartre*. Reflexões sobre o mundo contemporâneo. [texto de blog]. Recuperado de <https://escritorluiznazario.wordpress.com/2011/06/>
- Paisana, J. (1993). Sartre e o pensamento de Marx. *Philosophica* 2, Lisboa, 83-97. Recuperado de <http://revistaphilosophica.weebly.com/1993.html>
- Sartre, J. P. (1978). O Existencialismo é um humanismo. (pp. 01-22). Em Sartre, J.P. *O existencialismo é um humanismo. A imaginação. Questão do método*. (V. Ferreiras, L. R. S. Fortes, B. Prado Junior, Trans.), São Paulo, Abril Cultural. (Os Pensadores). (Obra original publicada em 1946).
- Sartre, J.-P. (1997). *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. (P. Perdigão, Trad.), Petrópolis, RJ, Vozes. (Obra original publicada em 1943).
- Sartre, J-P. (2002). *Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método*. Rio de Janeiro: DP&A. (Obra original publicada em 1960).
- Simont, J. (2005). Indivíduo e totalização: a dialética e o resto. *Impulso*, Piracicaba, 16(41), 17-25. Recuperado de <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp41art01.pdf>
- Tertulian, N. (2012, janeiro). Da inteligibilidade da história. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, 14(8), 71-78. Recuperado de <http://www.verinotio.org/conteudo/0.75602587662267.pdf>